

Uma topologia do ritornelo em Deleuze, Guattari e Deligny, onde as linhas não param de fugir

A topology of the refrain in Deleuze, Guattari and Deligny, where the lines never stop running away

CARLOS HENRIQUE MACHADO¹

Resumo: O conceito de ritornelo não pode ser pensado sem o contraponto entre a terra, o território e o cosmo. Pretendemos nesse artigo investigar de que forma, em Deleuze e Guattari, o ritornelo funciona como um operador do acontecimento, agenciando as forças do caos, forças terrestres e forças cósmicas e de que forma essas forças atravessam meios diversos que as expressam. A partir daí, veremos como esse agenciamento de forças se dá nas experiências de Fernand Deligny com as crianças autistas em Cévennes e de como cada encontro ali eram verdadeiros acontecimentos que estavam para além de qualquer lugar do sujeito e da consciência. Retomamos neste artigo o texto de nossa tese de doutorado em sua unidade intitulada *Corpos em relação, o espírito e o campo intensivo*.

Palavras-chave: Deleuze; Guattari; Deligny; Ritornelo; Acontecimento.

Abstract: The concept of ritornello cannot be understood without the counterpoint between earth, territory, and the cosmos. In this article, we intend to investigate how, in Deleuze and Guattari, the ritornello functions as an operator of the event, mediating the forces of chaos, terrestrial forces, and cosmic forces, and how these forces permeate the diverse media that express them. From there, we will examine how this agency of forces occurs in Fernand Deligny's experiences with autistic children in the Cévennes region and how each encounter there was a true event that transcended any place of the subject and consciousness. In this article, we revisit the text of our doctoral thesis in its unit entitled *Bodies in Relation, the Spirit, and the Intensive Field*.

Keywords: Deleuze; Guattari; Deligny; Refrain; Event.

Introdução

Em *Mil platôs* (1980), mais especificamente no platô 11, *Acerca do ritornelo*, Deleuze e Guattari colocam o conceito de ritornelo aliado as questões que envolvem a terra, do território, do cosmo, pondo-nos diante do confronto com as forças do caos, do modo como se busca um centro para apaziguar o terror desse encontro, de como se cria na superfície da terra um território a partir daí e de como se salta para fora dele e se retorna a ele como uma diferença. Em uma entrevista

¹ Doutor em filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), investigador do *Aesthetics, Politics and Knowledge Group*, do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto. E-mail: petrus166@gmail.com CV: [CARLOS HENRIQUE DE MORAES MACHADO \(D614-3342-34FB\) | CIÊNCIAVITAE](#).

de 1991, *Inventamos o ritornelo*, perguntado sobre quais conceitos pensaria ter criado com Guattari, Deleuze dá o exemplo do ritornelo como um conceito, verdadeiramente, criado pelos dois. Se apelarmos para a música, veremos que o ritornelo é aquela parte que se repete, voltando ao tema original, mas sofrendo improvisações e variações que trazem diferenças em relação ao tema principal. Nessa perspectiva, o ritornelo pode ser tido como um componente de passagem que faz com que se transponha domínios, ora formando-os, ora desfazendo territórios ou ora recriando-os. O ritornelo, em Deleuze e Guattari, se constitui como operador do acontecimento, recolhendo as forças através de sua articulação pelos meios e ritmos, delimitando os territórios, desfazendo-os e fazendo as linhas fugirem em direção ao cosmo.

Foi na década de 1960 que Guattari se apropriou do conceito de ritornelo em oposição à utilização feita por Lacan na dimensão da clínica. A abordagem lacaniana do ritornelo remete a uma fórmula que se repete quando a significação não remete mais a nada, reiterando-se e tornando-se uma repetição estereotipada. Na falta da palavra, surge o ritornelo, que seria uma forma que imobilizaria a significação. Na perspectiva clínica de Guattari, o ritornelo estaria revestido de uma potência de repetição a produzir aberturas desterritorializantes que empurram o paciente para fora da estereotipia a partir de seus efeitos aleatórios, que levam a novas relações.

Se Lacan utilizava o termo ritornelo para aludir os estereótipos de linguagens em sua agramaticalidade repetitiva e obsessiva, Guattari se reapropria do uso na sua prática clínica, quando o ritornelo passa a designar uma possibilidade de saída do torpor da estereotipia; repetição que traz em si uma mudança e muda efetivamente o dado em favor de uma alteração na situação clínica. Posteriormente, podemos encontrar em *O inconsciente maquínico* (1979) articulações em torno do conceito de ritornelo efetuadas por Guattari, com enfoques que passam pela etologia, pela semiótica e pela análise das matérias de expressão responsáveis pela formação de territórios existenciais.

Para avançarmos na questão do ritornelo na acepção que o conceito assume em *Mil platôs*, temos que compreender em que sentido Deleuze e Guattari o utilizam a partir da contraposição entre a noção de terra, de território e de cosmo,

Uma topologia do ritornelo em Deleuze, Guattari e Deligny, onde as linhas não param de fugir

como um operador que articula os processos de territorialização e desterritorialização a partir de zonas de indiscernibilidade entre componentes que se alternam. A terra operaria um movimento que desterritorializa toda forma de território. Se por um lado ela se definiria através de um movimento de desterritorialização contínua, por outro ela funciona como potência desterritorializante e desterritorializada que irá interferir na reterritorialização do território. A terra é o solo de consistência por onde as forças passam e escapam em sua imanência, superfície sem fundo onde as forças cruzam em todas as direções e sobre a qual é exercida a sua função desterritorializante.

Zourabichvili já afirmava o papel da terra nos processos de desterritorialização: “Pois a terra serve ao mesmo tempo como esse lar íntimo para o qual se inclina naturalmente o território, mas que, apreendido como tal, tende a repelir este último ao infinito” (Zourabichvili, 2004, p. 50). A terra é a superfície molecular que mantém a tensão das forças do caos e as forças relacionadas dos seus estratos e dessa forma, segundo Deleuze e Guattari:

(...) o território reagrupa todas as forças dos diferentes meios num só feixe constituído pelas forças da terra. É só no mais profundo de cada território que se faz a atribuição de todas as forças difusas à terra como receptáculo ou base (...) Mais do que isso, se o território em extensão separa as forças interiores da terra e as forças exteriores do caos, não acontece o mesmo em “intensão”, em profundidade, onde os dois tipos de forças se enlaçam e se esposam num combate que não tem senão a terra como crivo e como o que está em jogo (Deleuze; Guattari, 1997, p. 129 e 130).

Uma criança no escuro, com medo, cantarola para se tranquilizar. Enquanto cantarola vai criando um efeito que funciona como “(...) esboço de um centro estável e calmo, estabilizador e calmante, no seio do caos” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 116). Depois, para se sentir em casa, traça-se um círculo em torno do centro frágil e incerto, organizando um espaço. “Eis que as forças do caos são mantidas no exterior tanto quanto possível, e o espaço interior protege as forças germinativas de uma tarefa a ser cumprida de uma obra a ser feita” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 116). Depois, finalmente, entreabre-se o círculo, convida-se alguém a entrar ou mesmo lança-se para fora dele indo em direção ao mundo, confundindo-se com ele. “E dessa vez é para ir ao encontro de forças do futuro, forças cósmicas.

Lançamo-nos, arriscamos uma improvisação (...) E os três juntos, forças do caos, forças terrestres, forças cósmicas: tudo isso se afronta e concorre no ritornelo” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 117 e 118).

As forças do caos operam a partir da coexistência de determinações simultâneas que coexistem virtualmente em sua velocidade infinita. Dizia Lawrence que os “homens não conseguem viver no caos” (Lawrence, 2016, p. 22), pois o caos, sob o ponto de vista psicológico, seria um universal aturdimento de um conjunto de todas as percepções possíveis. Ao criar um centro estável no caos, lança-se sobre ele um crivo que lhe dá a consistência da superfície da terra como um plano de imanência que corta o caos. Em torno do centro estável deitado na terra traça-se a linha que fará desse espaço um lugar familiar. Território que mantém as forças do caos no exterior e as forças internas da terra na delimitação de um espaço de circulação delimitado pelo ritornelo que traça na terra o agenciamento territorial.

Os ritornelos operam a partir dos meios que nascem do caos. São meios vibratórios, agitações no espaço e no tempo, repetições periódicas de códigos em um estado perpétuo de transcodificação ou de transduções que os levam de um meio a outro. Os meios estão abertos ao caos, justamente nessa passagem entre eles, mas o que conjura o caos é o ritmo. O ritmo opera a passagem transcodificada entre um meio e outro coordenando espaços e tempos heterogêneos, entre um acontecimento e outro, efetuando a comunicação entre singularidades. Para Deleuze e Guattari:

É que um meio existe efetivamente através de uma repetição periódica, mas esta não tem outro efeito senão produzir uma diferença pela qual ele passa para um outro meio. É a diferença que é rítmica, e não a repetição que, no entanto, a produz; mas, de pronto, essa repetição produtiva não tinha nada a ver com uma medida reprodutora. Esta seria a “solução crítica da antinomia (Deleuze; Guattari, 1997, p. 120).

Os ritornelos e o campo transcendental

O ritornelo vai criando os territórios em torno do centro estável e calmo que surge no meio do caos, para abri-lo a partir de um vetor que visa um infinito

Uma topologia do ritornelo em Deleuze, Guattari e Deligny, onde as linhas não param de fugir

cósmico. Tem-se aqui duas perspectivas que se relacionam com um confronto às forças do caos na constituição de um agenciamento territorial e a de uma fuga cósmica ou salto cósmico absoluto. É no encontro com essas forças cósmicas que se aloja a problematização da criação do novo a partir da capacidade de se fazer visíveis tais forças invisíveis, captar as forças não sonoras e fazê-las sonoras, elaborar um material para o pensamento para capturar forças não pensáveis. É justamente aí que se articula a possibilidade da filosofia e das artes, uma vez que as forças capturadas não são mais forças da terra, mas de um cosmo energético, informal e imaterial, singularidades a partir das quais surge uma possibilidade criativa. Podemos articular essa dimensão cósmica da geofilosofia com o campo transcendental deleuziano e a partir daí tomar o ritornelo como o operador daquilo que Deleuze chama de acontecimento.

O campo transcendental, segundo Deleuze, é ocupado por acontecimentos. Teria que se levar em conta a dupla face do acontecimento que, ora se volta ao transcendental, ora à experiência. “É também preciso distinguir nos acontecimentos ou nas singularidades a parte que remete ao transcendental e aquela que remete a efetivação” (Deleuze, 2018, p. 91). Deleuze explicita essa diferença quando utiliza os termos *différentiation* e *différenciation* (diferenciação e diferenciação) para se referir à dimensão virtual das puras determinações e à dimensão atual da divisão em qualidades e partes.

No que se refere ao virtual e as singularidades que o constitui temos um campo onde o ritornelo irá operar a partir da comunicação entre as forças pré-individuais, de sua molecularização na superfície da terra, da estratificação por meio dos territórios e de sua desterritorialização absoluta em direção ao cosmo que conjuga forças orgânicas e inorgânicas, partículas em sua velocidade e lentidão numa autoprodução infinita que “reúne em seu devir animais, vegetais, micro-organismos, partículas loucas, toda uma galáxia” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 34).

Numa entrevista de 1969, *Gilles Deleuze fala de filosofia*, ele irá vincular o papel da filosofia à expressão não de indivíduos ou sujeitos, mas das “singularidades pré-individuais, impessoais (...) singularidades móveis, ladras e voadoras, que passam de um a outro, que arrombam, que formam anarquias

coroadas, que habitam um espaço nômade” (Deleuze, 2016, p. 153). Assim, ele demarca a diferença entre repartir um espaço fixo entre indivíduos sedentários, segundo demarcações e cercados, e repartir singularidades num espaço aberto, que se vincularia à ideia da desterritorialização absoluta. Se as figuras do sujeito e da consciência estariam vinculadas ao transcendente, podemos contrapô-las ao campo transcendental como um puro plano de imanência, “que escapa a qualquer transcendência do sujeito, assim como do objeto” (Deleuze, 2016, p. 408).

A partir daí compreende-se como ele e Guattari, mais tarde, iriam afirmar que pensar se faz antes na relação entre o território e a terra. Segundo Deleuze, a imanência não se entrelaçaria a algo como unidade superior ou ao sujeito como ato que opera uma síntese das coisas, mas ela é a própria vida. A imanência não é uma imagem que contemplamos no meio de outras, ou uma qualidade que destacamos entre as demais. Ela não é uma operação do sujeito que percebe uma regularidade, abstrai uma constante e comunica uma opinião. A imanência ultrapassa as aporias do sujeito e do objeto, ela é o impessoal que resgata o puro acontecimento liberado dos acidentes. “É uma hecceidade, que já não é de individuação, mas de singularização: vida de pura imanência” (Deleuze, 2016, p. 410).

Pelo acontecimento é que podemos nos liberar das significações formais e das subjetivações pessoais. O acontecimento é uma individuação que não passa por uma forma e não se faz por um sujeito. Segundo Deleuze, só o acontecimento é capaz de destruir o verbo ser e o atributo. O acontecimento remete àquilo que se passa no plano de imanência, remete às multiplicidades que o povoam, às singularidades que nele se conectam e aos devires ou processos que ali se desenvolvem. O acontecimento é aquilo que faz com que alguma coisa saia do conjunto de todas as percepções possíveis. O acontecimento arrasta as singularidades para fora em vez de se fechar sobre o mundo compossível e convergente daquilo que se contempla, se reflete e se comunica como operações da representação de um universo hierárquico subordinado ao princípio da identidade, à lógica do juízo e à distribuição da oposição dos predicados.

A noção de acontecimento que percorre o pensamento de Deleuze irá encontrar na obra conjunta com Guattari uma nova linha de fuga, marcada pelo

Uma topologia do ritornelo em Deleuze, Guattari e Deligny, onde as linhas não param de fugir

deslizamento dos efeitos de superfície até a experimentação da terra como de um campo de deslocamentos e bifurcações onde se processam as conexões e as passagens do campo transcendental como trajetos de configuração geográfica. “Indivíduos ou grupos, somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não têm a mesma natureza” (Deleuze; Guattari, 1996, p. 76). Essas linhas exprimem ritornelos territoriais como produções que afrontam o caos e fogem até o cosmo, dando ao plano de imanência uma consistência e exprimindo o efeito de uma desterritorialização absoluta em direção às forças do cosmo. Desse modo, o ritornelo é o operador do acontecimento que corta o caos agindo como um crivo que reúne as forças do caos e da terra e ao mesmo tempo cria os territórios que envolvem essa superfície intensiva para depois operar uma desterritorialização absoluta

Esse campo móvel afirma a imanência de uma múltipla relação de forças onde o ritornelo revira o virtual e corta o atual na amplitude de seu movimento, que procura dar consistência sem perder o infinito em que mergulha. O ritornelo atravessa a terra, superfície de um campo intensivo e lugar de experimentações, onde as individuações não se dão a partir de nenhum sujeito, mas são feitas por hecceidades, liberando singularidades pré-individuais sem qualquer unidade prévia. O ritornelo articula diversas linhas que se cruzam. Linhas de fuga, linhas moleculares e linhas molares. As linhas molares constituídas nos estratos dos territórios, as linhas de fuga como algo que se desprende deles em direção ao cosmo e as linhas moleculares como as combinações na superfície da terra que ora fazem as linhas fugir e ora as estabilizam como linhas molares. O molar está ligado à territorialização e à formação de estratos que organizam o múltiplo em unidades maiores. Por sua vez, o molecular liquefaz os vínculos, desterritorializa e transporta as multiplicidades numa rede aberta de interconexões.

É justamente o ritornelo que articula a passagem entre o campo transcendental e o plano extensivo, arrastando as forças da terra e do território e conjugando-as em sua abertura para o cosmo, tendo uma de suas faces face voltada para os estratos e outra face voltada para o caos formando assim um plano de consistência entre duas camadas sempre em interação, como uma transversal entre

o caos e o cosmo, essa dimensão onde se estendem elementos em domínios não-formados com a consistência de forças não-humanas, em sua potência de gerar e engendrar continuamente, potência essa que só pode ser cartografada.

O ritornelo e a ocupação dos territórios de Cévennes

Uma cartografia nos remete às práticas de Fernand Deligny² com as crianças autistas não verbais com as quais conviveu em Cévennes. Deligny experimentou essa vida comunitária depois de ter passado por diversas instituições – no âmbito da escola, da saúde e da justiça. As comunidades de Cévennes compunham meios e ritmos que iam ordenando uma coletividade em um espaço que se constituía a partir da presença de corpos que passavam a ocupá-lo de uma forma comum. O espaço ali se ordenava a partir do movimento e do repouso dos corpos a se afetarem mutuamente, de suas velocidades e lentidões em reação as quais delimitava-se o território que fazia os indivíduos constituírem um corpo comum.

No caso das crianças autistas que viviam em Cévennes, sua rotina diária junto das presenças próximas³ compunha relações com o espaço que eram fundamentais para referenciar o lugar, uma vez que faltavam significados. A ausência da linguagem e, portanto, da mediação do simbólico, fazia recair nas coisas o peso de sua presença imediata. Na ausência da palavra havia o mover que se fazia rotina ou poderia extravar-se para além das linhas costumeiras do território. Os próprios Deleuze e Guattari afirmavam isso em *Mil platôs* quando se referiam a Deligny e suas crianças quando destacavam que: “Nas linhas motoras, gestuais, sonoras que marcam o percurso costumeiro de uma criança, enxertam-se ou se põem a germinar linhas de errância, com volteios, nós, velocidades, movimentos, gestos e sonoridades diferentes” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 117).

² Fernando Deligny, poeta e etólogo, como ele mesmo gostava de se definir, experimentou uma série de tentativas junto a indivíduos inadaptados, em instituições francesas, durante 1938 a 1967, até que retirou para as montanhas de Cévennes, no Sul da França, onde instituiu comunidades voltadas a convivência com crianças autistas, na sua maioria, não verbais.

³ Forma como Deligny se referia aos adultos não autistas que conviviam com as crianças nas comunidades de Cévennes.

O território em Cévennes não se constituía apenas conforme ia sendo ocupado pelos indivíduos, mas se compunha, também, a partir dos mapas que eram produzidos pelas presenças próximas, cartografando o trajeto das crianças em suas linhas costumeiras e em suas linhas de errância. Os mapas não visavam traduzir os movimentos das crianças ou significá-los, mas sim localizar o movimento de cada corpo no espaço, fazer perceber como cada ponto no espaço exercia sua atração sobre as crianças e como se dava a relação delas com o território, sendo possível, deste modo, lançar um olhar a partir do mesmo ponto de ver das crianças, o que afastava a tentação de se querer partir de um ponto de vista já formado. Mais do que uma simples representação, a cartografia adquiria a potência de intervir na criação dos territórios, uma vez que produzia efeitos sobre aqueles que traçavam as linhas nos mapas, os liam, e interagiam com as crianças no espaço cartografado. Assim, eles são elementos formadores do território pois “(...) os mapas desconstroem o espaço, reorganizando-o não necessariamente de forma mais eficiente ou útil, mas de forma que as coisas possam ser percebidas (*répérées*) pelas crianças” (Miguel, 2020, s/p).

As coisas para as crianças autistas tinham uma dimensão de imutabilidade inquietante e qualquer alteração na sua disposição no espaço era motivo para perturbação. Perceber como cada coisa exerce sua atração para a criança a partir de um mapeamento que localizava os persistentes desvios em torno delas, era fundamental para que se pudesse perceber como lidar com o território de uma forma comum pelos pontos de ver das crianças e das presenças próximas. “Que esses desvios lhes sejam com frequência ‘comuns’, a ponto de podermos desenhar um mapa dos *chevêtres*, constelação que surpreende por sua persistência ao longo do tempo e entre as crianças” (Deligny, 2018, p. 220). Os *chevêtres* são as coisas ou lugares que exerciam uma atração nas crianças e que as faziam desviar nos seus trajetos costumeiros e que se tornavam visíveis nos mapas através de um emaranhado de linhas, ficando bem marcados quando se cartografa o seu trajeto no espaço, quando então se é capaz de seguir o rastro que escapa a qualquer projeto. Só assim se é capaz de adaptar a experiência do espaço criando um meio comum recoberto de referências a ocupar o lugar da linguagem ausente. Deligny

já deixava isso claro ao afirmar: “Qual é nossa busca? Apontar o reparável - outra ‘estrutura’, não a que sustenta a linguagem, que ‘permite’ o agir da iniciativa” (Deligny, 2018, p. 141).

Podemos aproximar os *chevêtres* à noção de ritornelo, uma vez que eles funcionam de uma dupla maneira. Ao mesmo tempo que eles criam um centro estabilizador a atrair as crianças, eles as absorvem e as acalmam. Pontos que fazem as crianças se desviarem do trajeto costumeiro e que estão localizados em diversas partes do território. Assim como o ritornelo, os *chevêtres* disparam as linhas de errância, fazem o território se abrir e as linhas fugirem. Enquanto funcionam como um centro no meio do caos eles acalmam e conjuram o ‘pavor e o desassossego’, e pelo ritmo eles fazem passar de um meio ao outro. Nessas passagens vão se traçando as linhas em torno desses centros de estabilidade que vão compondo territórios e mantendo as forças do caos no exterior o máximo possível, protegendo no interior as “forças germinativas de uma tarefa a ser cumprida, de uma obra a ser feita” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 116). À medida em que se sentem apaziguados e em casa, as crianças transitam pelo espaço com as presenças próximas envolvendo-se nas tarefas diárias de cortar lenha, fazer pão ou lavar louça, até que novos *chevêtres* as atraíam e as façam se desviar dos seus trajetos costumeiros. Esses momentos não se dão de forma sucessiva e numa evolução, mas são aspectos de um mesmo movimento como resultado de uma molecularização do espaço que, ora acalma o pavor, ora faz o agir voltar para aquilo que é costumeiro no território, ora faz com que o agir se projete numa errância.

O privilégio dado ao espaço, na convivência de crianças mudas, era a fórmula para escapar da tirania do significante e das tentativas de se chegar às coisas pela sua representação a partir do universo simbólico dos significados estruturados em torno do sujeito da linguagem. Os meios são onde as coisas acontecem e onde as tendências de cada coisa se insinuam. Cada acontecimento retira do meio suas matérias de expressão e fazem dela uma marca territorial, como bem descreviam Deleuze e Guattari: “Precisamente, há território a partir do momento em que componentes de meios param de ser direcionais para se tornarem dimensionais, quando eles param de ser funcionais para se tornarem expressivos” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 121). Eles se tornariam expressivos quando se tornam uma marca

Uma topologia do ritornelo em Deleuze, Guattari e Deligny, onde as linhas não param de fugir

territorial, uma assinatura. Os traços nos mapas realizados em Cévennes podem ser tomados como uma assinatura de cada criança, cuja relação com o espaço era singular e iam deixando marcas individuais no território. Por isso, de certo modo, traçar é territorializar. Capturar os meios e os ritmos em sua expressão que delimita um território.

O movimento dos corpos no espaço vai compondo a superfície de uma terra como lugar do corpo a corpo com as forças do caos e as forças criativas dos corpos. Enquanto fazem-se e desfazem-se territórios, a partir de tarefas feitas cotidianas e derivas erráticas, vai-se criando fissuras por onde as linhas fogem para depois reterritorializarem um novo espaço feito comum, onde os corpos vão estabelecendo seus pontos de ver, sempre por olhares múltiplos a partir dos pontos que se sobrepõem. As linhas descrevem encontro de corpos em um meio, encontro que são verdadeiros acontecimentos que darão consistência ao caos tempestuoso que provocava nas crianças um universal aturdimiento. Os encontros em um meio intensivo, longe da palavra e das representações simbólicas, davam consistência a um corpo comum, terra onde se davam trocas que iriam liberar os diferentes tipos de linhas que se sobrepunham nesse espaço. Os mapas são o produto dessa sobreposição de linhas que se encontram, cruzam e fogem, num conjunto de momentos em que o fio das coisas, graças ao qual a criança muda às vezes, pode vibrar com o mundo, apreendido por algumas harmonias produzidas nestes momentos. Esses trajetos, sempre feitos pelo meio, alternam-se num processo sem uma direção ou finalidade. “Enquanto vagueia, a criança repete certos gestos que se fundem no costumeiro por adultos, ornando-o e criando referências” (MIGUEL, 2020, s/p), enquanto os adultos que vão traçando os mapas vão produzindo a sua visibilidade junto com as demais coisas no espaço. O ‘topos’ é o meio da consistência dos corpos. Esse ‘lá’ ou ‘aí’ onde “a designação de uma pessoa constituída é substituída pela simples designação de uma certa realidade caindo de relance, ocupando certa porção do espaço, realizando certos gestos ...” (Miguel, 2020, s/p).

Considerações finais

O ritornelo como operador do acontecimento tem nos agenciamentos de forças das experiências de Deligny o produto de encontros de corpos que se dão em um espaço feito comum, a partir de uma deriva onde as linhas traçam os territórios e ao mesmo tempo fogem em direção ao cosmo; linhas costumeiras e linhas de errância, linhas a serviço do organismo e linhas que lançam ao infinito o resultado de um agir gratuito que se afasta de qualquer projeto intencional que traga atrelado a ele o sujeito e a consciência. Corpos que se afastavam das práticas conservativas, quando os gestos nada significavam, mas eram produtos da expressão intensiva de um devir cósmico; devir que atravessava os corpos e os faziam abrir ao campo transcendental de forças ainda não relacionadas às formas, mas que compunham um campo intensivo de individuação. Neste campo, os corpos abandonavam o governo do organismo e assumiam sua dimensão estética e pré-individual.

Ao se seguir às linhas costumeiras das crianças, podia-se perceber que ela se desdobrava em pequenos desvios que alteravam a sua regularidade, ornados de uma falta de finalidade. O ornado seria aquilo no agir que excede a eficácia imediata, liberando brechas no costumeiro. As brechas no costumeiro liberam uma vagueação, ação de um ritmo que desterritorializa os corpos e os abre às intensidades do campo transcendental.

A ação do ritornelo, no sentido dado por Deleuze e Guattari das forças no seio do território para ir para fora dele, é responsável pela desterritorialização das matérias de expressão até que elas sejam capazes de capturar as forças de um cosmo energético informal a partir de errâncias que levarão a expressões intensivas de um corpo estético. Essas errâncias ou vagueações faziam desprender de gestos costumeiros as forças que impulsionavam os corpos, já não mais a serviço do organismo ou de qualquer função ou finalidade, ao encontro das forças cósmicas que os atraía como um campo imantado que os tirava de seus trajetos costumeiros. Corpos que refratam o cotidiano e se abrem ao cosmo em seus balanços animados por um vento que sopra sem que se saiba de onde. Corpos que afirmam as suas singularidades e que vão deixando o rastro de sua passagem silenciosa pelo

Uma topologia do ritornelo em Deleuze, Guattari e Deligny, onde as linhas não param de fugir

território, cartografados em seus desvios através de traços que deixavam ver aquilo que escapava aos olhos.

Estando aquém do sujeito e da consciência, o mover das crianças no território consistia-se como um agir para nada através de gestos não intencionais que eram expressões de corpos atravessados por forças, assim como interfaces percorridas por intensidades e que não se desdobravam em nenhuma informação, mas que se constituíam como sinais sensíveis. Trata-se de campos intensivos de individuação, territórios que delimitam o encontro de corpos, onde cada coisa não se constitui como objeto, mais como um campo de forças, territórios que se fazem e se desfazem quando os corpos se lançam para fora dele em direção às forças do cosmo, em torno das quais eles se refazem. Um processo ininterrupto de fazer, de se desfazer e de se fazer de novo, eis a potência do ritornelo como operador do acontecimento.

Se as linhas costumeiras dos mapas de Cévennes se constituíam a partir do momento que uma determinada área de convivência se desdobrava num território, a partir de suas marcas expressivas que orientavam o modo e a disposição das coisas no espaço comum, as linhas de errância eram o resultado da desterritorialização das matérias de expressão que delimitavam o espaço e que se tornavam materiais de captura de forças de um cosmo energético, informal e imaterial. Diante de um campo imantado, os corpos das crianças eram atraídos por forças invisíveis que exerciam sobre elas o seu fascínio e os faziam se deslocar de territórios costumeiros delimitados por suas funções específicas, pondo-as a se quedar diante de um tanque de pedra cheio de água no qual reflexos de sol cintilam e onde podiam permanecer por um longo espaço de tempo.

No espaço de Cévennes é possível localizar um plano topológico a ser atravessado pelo ritornelo, onde se pode perceber a conjugação das relações entre o território, a terra e o cosmo, a partir de movimentos de desterritorialização e reterritorialização que vão compondo um espaço liso onde são distribuídas intensidades que delineiam um plano de coexistência entre os corpos e as coisas, numa relação sempre heterogênea e transversal. É nesse plano da passagem que as forças vão deixando o seu rastro ao longo de encontros insólitos, longe da

consciência e da palavra; encontros silenciosos de forças que exercem a sua pressão sobre interfaces capazes de as suportar, irreconciliáveis com um sujeito formado, qualificado e composto. Interface que é a terra ou região de passagem onde se processam o encontro das forças como um acontecimento.

As forças se lançam sobre as interfaces e se prologam sobre elas como sinais não informados pelo organismo, liberando expressões intensivas ou gestos para nada, sem função ou finalidade. “A bem dizer, melhor acostumar-se a isso: os gestos de Janmari não querem dizer nada e não significam gesto nenhum, nunca” (Deligny, 2018, p. 183). Tais gestos são emulados em interfaces percorridas por sinais que surgem dos encontros dos indivíduos com o mundo. Superfícies moleculares que, ora fazem com que as linhas mergulhem na terra e escavem os territórios, ora produzam errâncias. É a passagem do ritornelo que irá extrair da terra os acontecimentos e fará os diferentes domínios se comunicarem por vizinhanças.

É justamente a terra como elemento de molecularização que fará com que as forças fixadas nos estratos limitados por territórios que funcionam como um esboço de um centro estável se desprendam e passem a circular de forma livre e não relacionada, saltando de um domínio para o outro, forçando um tipo de captura que vai das formas às forças, que vai dos sujeitos às intensidades, da consciência ao reparável.

As experiências de Deligny em Cévennes nos abrem a possibilidade de pensarmos a produção de novos meios que sejam capazes de liberar linhas de fuga que desarticulem os estratos do plano de organização, estruturados a partir de padrões majoritários que distribuem o possível. Ali, a vacância da linguagem libera o acontecimento como um crivo sobre o conjunto de determinações ainda não relacionadas nas formas fixas da produção de significados pela dominação do simbólico. Os encontros produzidos naqueles territórios eram capazes de multiplicar as linhas de fuga e de gerar novos modos de expressão e de vida, por isso se abrem para nós como um lugar onde o singular devém, silencioso, autista, e fazendo do espaço uma terra produtora de gestos carregados da força explosiva de vida como uma abertura ética, estética e política.

Uma topologia do ritornelo em Deleuze, Guattari e Deligny, onde as linhas não param de fugir

Referências

DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed 34, 1997.

DELEUZE, G. *A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DELEUZE, G. *Dois regimes de loucos*. São Paulo: Ed 34, 2016

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs*, v.3. São Paulo: Ed 34, 1996.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs*, v. 4. São Paulo: Ed 34, 1997

DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Escuta. 1998.

DELIGNY, Fernand. *O aracniano*. São Paulo: Ed n-1, 2018.

LAWRENCE, D. H. *Caos em poesia*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2016.

MACHADO, C. *Lugares do silêncio: a interface do sujeito larvar como campo intensivo de individuação no pensamento da diferença*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) –FLUP, Porto, 2019.

MIGUEL, M. “To permit Fernand Deligny’s Cartography”. In: *Critical Habitations* (2020): s/ pag. Web. 15 janeiro 2020.
<https://criticalhabitations.wordpress.com/debate/debate-5-the-experimental-humanities/to-permit-fernand-delignys-cartography-of-autism/>.

ZOURABICHVILI, F. *O vocabulário de Deleuze*. São Paulo. Sinergia-Relume Dumará, 2004.

Submissão: 09. 05. 2025 / Aceite: 30. 05. 2025